

# Os sonhos da antropologia

DOI

<https://www.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.203063>

---

**Heloisa Buarque de Almeida**

Universidade de São Paulo | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas | Departamento de Antropologia | São Paulo, SP, Brasil | [hbuarque@usp.br](mailto:hbuarque@usp.br) | <https://orcid.org/0000-0001-8126-5884>

---

**Pedro de Niemeyer Cesarino**

Universidade de São Paulo | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas | Departamento de Antropologia São Paulo, SP, Brasil | [pedrocesarino@gmail.com](mailto:pedrocesarino@gmail.com) | <https://orcid.org/0000-0002-4158-7712>

---

O número 65(3)-2022 da Revista de Antropologia reúne um conjunto importante de artigos dedicados ao rendimento dos sonhos para povos ameríndios, que integram o dossiê “Novas perspectivas sobre os sonhos ameríndios: uma apresentação”, organizado por Karen Shiratori, Majoí Fávero Gongora, Renato Sztutman e Roberto Romero Ribeiro Júnior (2022). Os artigos pretendem reavaliar o papel que os sonhos exercem na antropologia, tendo em vista o seu caráter secundário e frequentemente relegado à esfera da individualidade e da psicologia. Com foco nos povos indígenas das terras baixas da América do Sul, os artigos partem de etnografias detalhadas que evidenciam a relação entre sonhos e cosmopolíticas ameríndias, tendo em vista o fato de que, entre povos indígenas, a dimensão onírica não se compreende bem a partir da invenção ocidental da psique e se projeta, antes, para a exterioridade. A entrevista que compõe o dossiê, realizada com Sandra Benites, Alberto Álvares e Sérgio Yanomami mostra como “os sonhos podem ser uma potente tecnologia de aliança e reconexão, desvelando outros modos de subjetivação e de atuação política” (Shiratori; Orobítg; Ribeiro Júnior; Gongora; Hotimsky, 2022: XX). A reflexão parece servir como lição para o conturbado mundo não indígena, pois os brancos, como já lembrava Davi Kopenawa em *A queda do céu*, sonham sempre com eles mesmos. Como é de costume, o presente número da Revista de Antropologia apresenta também uma gama diversificada de estudos que atualizam as perspectivas para o estudo antropológico sobre temas tão distintos quanto a pandemia da Covid 19, o parentesco amazônico, o simbolismo místico do MST, as relações entre comunicação e antropologia, a formação de policiais, a entrada da pixação nas instituições de arte contemporânea e a atualidade do pensamento de Lévi-Strauss. Em “Rituais da Mística. A mística do MST e as aporias da

ação coletiva”, Christine Chaves (2022) trata da mística como um instrumento ritual de organização e de ação política do Movimento Sem Terra, tendo em vista o direcionamento da massa social para uma configuração política com objetivos definidos. A autora mostra como a ligação do movimento com a igreja católica termina por estabelecer uma produção simbólica capaz de propiciar vigor e dinâmica ao movimento social. Gabriela Leal (2022), por sua vez, em “Ocupando o cubo branco: reflexões sobre a entrada da pixação no mundo da arte”, analisa as dinâmicas de artificialização da pixação que se desenvolve através de processos considerados como “deslocamento”, “renomeação”, “patrocínio” e “intelectualização” característicos das instituições de arte. O estudo mostra como a pixação vai assim sendo inventada como expressão artística, a partir de sua origem no espaço urbano. Em “E o fuzil, tu vende pra quem?: Os diferentes significados da corrupção entre candidatos à carreira de policial militar no Rio de Janeiro”, Eduardo de Oliveira Rodrigues (2022) investiga a diversidade de valores simbólicos atribuídos à prática de corrupção entre candidatos a policiais militares, assim contribuindo para a compreensão da formação da identidade policial. Ao invés de se tratar apenas de um “atributo inerente” (Rodrigues, 2022: 15), a corrupção estaria antes vinculada a “processos de classificação social informados por moralidades situacionalmente localizadas” (Rodrigues, 2022: 15). Mercedes Calzado (2022), em seu artigo “Antropología de los medios: entre los estudios de comunicación y los culturales. Pliegues, tensiones y desafíos”, trata das relações entre antropologia e comunicação, tendo em vista as transformações sofridas pelas críticas pós-coloniais e as tensões entre os dois campos, derivadas de compreensões distintas do próprio estatuto da etnografia. Em “Vírus, guerras e novos heróis: a pandemia da Covid-19 sob o biomilitarismo”, Otavio Sacramento (2022) estuda o uso de metáforas bélicas como forma de produção de significado frente a situações de emergência. É desta forma que a eclosão da pandemia termina por se configurar através de uma compreensão militarista generalizada, seja no nível das relações geopolíticas, seja no nível das ações médicas e da própria compreensão antropomórfica do sistema imunológico, que deixa de lado compreensões alternativas tais como as assentadas em perspectivas ecológicas. O artigo “Um sistema iroquês amazônico: parentesco e aliança Enawene-Nawe”, de Marcio Silva (2022), retoma a tradição dos estudos de parentesco que marcam a antropologia social a partir de um caso amazônico, do povo Enawene-Nawe. A partir de uma análise elegante, o autor demonstra que o sistema Enawene-Nawe “articula um regime elementar de troca restrita inclusiva (Viveiros de Castro, 1998) que opera nos horizontes de uma estrutura complexa, que define apenas proibições matrimoniais” (Silva, 2022: 17).

Ao tratar da reciprocidade de perspectivas que permite recalibrar a relação entre humanidade, cultura e natureza no Pensamento selvagem de Lévi-Strauss, Marco Antonio Valentim (2022) mostra, por fim, como o autor antecipa reflexões

sobre o antropoceno. É assim que, de acordo com Valentim, relações de reversão e de imbricação entre história e natureza que marcam os problemas contemporâneos poderiam ser compreendidas pelo próprio pensamento de Lévi-Strauss sobre as classificações totêmicas e sobre o pensamento mítico, às voltas com as relações de inversão entre progresso cultural e regresso natural.

---

**Heloisa Buarque de Almeida** é professora doutora no Departamento de Antropologia e no PPGAS-USP, e membro do NUMAS – Núcleo de Estudos dos Marcadores Sociais da Diferença. Foi Visiting Fellow na London School of Economics com bolsa FAPESP, e é membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia. É bolsista de produtividade do CNPq, e tem apoio da FAPESP.

**Pedro de Niemeyer Cesarino** é professor doutor do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP e editor-chefe da Revista de Antropologia. Publicou *Oniska - poética do xamanismo na Amazônia* (Ed. Perspectiva/FAPESP, 2011), *Quando a Terra deixou de falar - cantos da mitologia marubo* (Ed. 34, 2013), entre outros livros e artigos.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALZADO, Mercedes, IRISARRI, Victoria. Antropología de los medios: entre los estudios de comunicación y los culturales. Pliegues, tensiones y desafíos. Revista de Antropología, 65(3): e197981. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197981>

CHAVES, Christine. Rituais da Mística. A mística do MST e as aporias da ação coletiva. Revista de Antropologia, 65(3): e197973. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197973>

LEAL, Gabriela Pereira de Oliveira, CAMPOS, Ricardo. Ocupando o cubo branco. Reflexões so-

bre a entrada da pixação no mundo da arte. Revista de Antropologia, 65(3): e197969. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197969>

RODRIGUES, Eduardo de Oliveira. “E o fuzil, tu vende pra quem?”: Os diferentes significados da corrupção entre candidatos à carreira de policial militar no Rio de Janeiro. Revista de Antropologia, 65(3): e195921. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.195921>

SACRAMENTO, Octávio. Vírus, guerras e novos heróis: a pandemia da Covid-19 sob o biomilitarismo. Revista de Antropologia, 65(3): e195914. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.195914>

SHIRATORI, Karen, GONGORA, Majoí Fávero, SZTUTMAN, Renato, RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero. Novas perspectivas sobre os sonhos ameríndios: uma apresentação. Revista de Antropologia, 65(3): e202767. <https://www.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202767>

SHIRATORI, Karen, OROBITG, Gemma, RIBEIRO JÚNIOR, Roberto Romero, GONGORA, Majoí Fávero, HOTIMSKY, Marcelo. “Nós que sabemos sonhar”: Entrevista com Sandra Benites, Sérgio Yanomami e Alberto Álvares. Revista de Antropologia, 65(3): e202953. <https://www.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202953>

[org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202953](https://www.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.202953)  
SILVA, Marcio Ferreira da. Sistema iroquês amazônico: classificações de parentesco Enawene-Nawe. Revista de Antropologia, 65(3): e195922. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.195922>

VALENTIM, Marco Antonio. Viola tricolor: Lévi-Strauss e o pensamento selvagem. Revista de Antropologia, 65(3): e197970. <http://dx.doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2022.197970>

